



Arte & Ensaios presta homenagem ao artista e professor Carlos Zilio que, durante 15 anos de atuação na UFRJ, foi um dos grandes incentivadores do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da Escola de Belas Artes. Aposentado em 2009, Zilio ainda mantém ativas suas ligações com o PPGAV-EBA, sobretudo na Linha de Linguagens Visuais. Trazemos aqui depoimentos de Sonia Gomes Pereira e Glória Ferreira que evidenciam a importância de Zilio para a formação de artistas e teóricos da arte no Brasil nas últimas décadas. Completando a homenagem, reeditamos o texto 'Da antropofagia à tropicália', de 1982, precedido por apresentação do autor.

"Aposentadoria", como se dizia no século 15, supõe, como sabemos, a passagem à inatividade – definição que subsume muitos dogmas e ideologias que envolvem a concepção de trabalho e sua cantada dignidade.

Horizonte algum de inatividade se apresenta neste momento em que Carlos Zilio deixa a universidade e, sim, a continuação de seu trabalho, no sentido mais nobre de vida ativa, e de sua arte. Um pouco de balanço, contudo, sempre ronda essa passagem, e suas palavras, por ocasião da exposição individual em 1974, publicadas na *Malasartes*, célebre revista da qual era um dos editores, reverberam todo o seu compromisso com o universo da arte e sua inscrição no mundo:

A mudança de comportamento está diretamente ligada a uma nova concepção de arte. Entendê-la como uma manipulação de elementos formais é, certamente, uma apreensão parcial de um complexo mais amplo. Partimos da consideração de que arte é uma forma de conhecimento.

Muitos de nós, hoje, artistas, críticos, curadores ou professores atuantes fizemos o nosso "serviço militar", parafraçando Tarsila sobre o cubismo, no curso de Pós-Gradua-

ção em História da Arte e da Arquitetura Brasileira na PUC-Rio, fundado por Carlos Zilio, em 1980. Sua decisão, em um momento de expansão do meio e arte em contexto de reabertura política, conjugava diversos aspectos do que ele chamou de "complexo mais amplo" da arte, tendo como eixo sua condição de artista. É como necessidade interna ao próprio fazer artístico, creio, que se coloca a necessidade de criação de um centro de formação e aprendizado. Mas centro capaz de gerar conhecimentos, como as pesquisas sobre Goeldi e Guignard, abordando a história da arte não a partir de paradigmas metodológicos ou de estilos, e, sim, para além de uma compreensão da história da arte ocidental, o empenho na construção de uma história crítica da arte brasileira, que seu incontornável *A querela do Brasil*¹ já anunciara. Esse engajamento reflete posição estética, e ética, que tem marcado sua trajetória desde o início, tanto no envolvimento mais radical com a política quanto na permanente politização da arte em seus próprios termos, inseparável de sua potente produção artística.

Não seria outro o desafio ao criar a linha de pesquisas em Linguagens Visuais, na EBA-UFRJ. Tomando ainda como referência o texto ci

Entrelaçamento, 2004,
bastão de óleo e óleo
sobre papel,
169x141cm
Fonte: www.carloszilio.com

tado, Zílio assinalava: “Se, tradicionalmente, o artista encontrava na mudez ou no subjetivismo a melhor forma para situar o seu trabalho, deixando ao crítico a tarefa de conceituá-lo, hoje esta posição não encontra mais sustentação.” Mais de uma década depois, a experiência dessa área de pesquisa, com seus percalços e batalhas, revela a permante busca de uma relação entre arte e teoria, jamais dada *a priori*, mas construção interna ao próprio trabalho dos artistas.

Se Zílio se retira agora de sua função como professor, o legado de suas iniciativas permenece como constante ensinamento e marco na constituição do meio de arte no Brasil.

Vida longa, meu amigo!

Glória Ferreira

Nota

1 *A querela do Brasil: a questão da identidade na arte brasileira. A obra de Tarsila, Di Cavalcanti e Portinari, 1922-1945*, Rio de Janeiro: Funarte, 1982, reeditado em 1997 pela Relume-Dumará.

Carlos Zílio, as linguagens visuais e a Escola de Belas Artes

No início dos anos 90, eu era coordenadora do então Mestrado em História da Arte de nossa Escola de Belas Artes. Apesar do nome, o mestrado já incorporava, naquele momento, duas áreas de concentração: História da Arte, propriamente dita, e Antropologia da Arte. O curso estava saindo de um período difícil, em que quase foi fechado. O coordenador anterior a mim, o prof. Almir Paredes, havia reconstruído toda a estrutura interna, e a avaliação do curso na

Capes tinha passado de D para C. Eu assumi a coordenação com o propósito de avançar nessa consolidação da pós-graduação.

Foi exatamente nessa época que o Zílio fez concurso para professor de História da Arte e entrou para o então Departamento de Integração Cultural, ao qual o mestrado era ligado. Estava, portanto, entrando num espaço da EBA apenas teórico. Mas, logo de início, ele passou a conversar sempre comigo sobre seu desejo de abrir outra área de concentração, voltada para a formação do artista. Já contávamos com a Lygia Pape no corpo docente, e o Paulo Venancio também tinha feito concurso para a EBA recentemente. Havia, portanto, um pequeno grupo ligado à arte contemporânea. Logo em seguida outro professor da Escola foi incorporado ao grupo: Paulo Houayek.

O Zílio fez todo o projeto para a implantação da nova área – Linguagens Visuais – e eu batalhei para sua aprovação em todas as instâncias da estrutura acadêmica: em nosso Departamento, em seguida na Congregação da Escola e, finalmente, no CEPG, Conselho da Pós-Graduação da UFRJ. Não foi fácil conseguir essa aprovação, principalmente dentro da Escola. A proposta era polêmica por vários motivos. Em alguns grupos, havia a resistência, naquela época, à entrada de uma área de concentração francamente ligada à arte contemporânea. Mas havia, também, um problema meramente institucional: a Escola, toda setorizada em departamentos, separava teoria das diversas práticas artísticas. A nova proposta claramente ultrapassava os limites definidos na estrutura acadêmica de nosso setor teórico e avançava no território de outros departamentos. Foi difícil convencer a maioria, mas conseguimos a aprovação em votações bem apertadas.

Daí em diante, muitas outras lutas se seguiram. Uma das mais difíceis foi conseguir um

local mais apropriado para as Linguagens Visuais. Instalado provisoriamente num galpão fora do prédio em que a Escola funciona, a ameaça de despejo rondava com frequência. Só mesmo o contato pessoal com o então reitor, prof. Vilhena, formalizou a cessão do galpão para o grupo.

Em todos esses episódios, a liderança do Zilio foi o fator determinante para a consolidação da área. Além de bastante reivindicativo dentro da Escola, ele teve a inteligência de procurar atrair recém-doutores com bolsas Capes ou CNPq – como a Glória Ferreira e o Milton Machado –, que acabaram sendo integrados ao corpo docente pelos poucos concursos públicos daquela época.

Sempre tive a consciência de que o grande diferencial da atuação do Zilio era e é sua lucidez política em relação à área de artes.

Acredito que nós, na Escola, como é muito comum em instituições antigas ou em universidades muito grandes, como a UFRJ, temos a tendência a ficar voltados para dentro. Zilio sempre teve a preocupação de pensar a área de Linguagens Visuais e mesmo a Escola no cenário nacional. Insistia, por exemplo, na importância de dar visibilidade a nosso acervo reunido no Museu D. João VI (foi dele a idéia de apresentar um projeto ao CNPq no bojo da comemoração dos 180 anos da EBA). E sempre achou que a Escola deveria investir mais em conservação e restauração, pois esses campos têm tudo a ver com nossos perfil e história.

Enfim, de todos estes anos de convívio de trabalho, guardo enorme admiração por seu talento, sua inteligência e seu caráter. Valeu a pena!

Sonia Gomes Pereira

Pithecanthropos
erectus, 2003
óleo sobre tela, 230 x
480cm
Fonte: www.carloszilio.com

